

PREVALÊNCIA DE QUEDAS EM IDOSOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

Isabela Lohanny Pereira dos Santos Sousa ¹

Natália Pessoa da Rocha Leal ²

Keylla Talitha Fernandes Barbosa ³

Maria Cristina Lins Oliveira Frazão ⁴

Kaisy Martins de Albuquerque Madruga ⁵

RESUMO

Objetivo: Avaliar a prevalência de quedas nos idosos na Atenção Primária a Saúde. **Métodos:** Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e transversal, de caráter quantitativo. O universo desse estudo totalizou 261 idosos cadastrados em Unidade de Saúde da Família Integrada no município João Pessoa, Paraíba, Brasil. O tamanho da amostra foi definido utilizando o cálculo para populações finitas, o que correspondeu a 157 participantes. Os dados foram coletados mediante entrevistas individuais com auxílio de um instrumento de avaliação sociodemográfica e sobre a prevalência de quedas. **Resultados:** Com relação a presença de episódios de quedas e características associadas a maioria dos idosos já caíram (58,0%), e dentre estes a maioria sofreu de 1 a 2 quedas (25,5%), em que 47,8% não apresentaram quaisquer alterações após o evento. **Conclusão:** A partir da interpretação dos achados deste estudo pôde-se compreender as condições que agravam esta população, a exemplo da falta de atividade física, presença de doenças crônicas e residências com fatores de riscos para quedas.

Palavras-chave: Envelhecimento, Saúde do Idoso, Acidente por Quedas.

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento configura-se uma etapa de alterações orgânicas e funcionais, conduzindo fatores sociais, psicológicos e biológicos à um impacto de vida para indivíduo, família e sociedade. Elementos intrínsecos e extrínsecos à senescência favorecem a progressividade do organismo aos declínios biopsicossociais projetando situação de vulnerabilidade à pessoa idosa (ANDRADE et al., 2015). Contudo é importante saber que o envelhecimento não se constitui apenas de perdas, o idoso pode preservar suas capacidades, o que determina isto é a percepção do indivíduo frente a essas transformações.

Devido as melhores condições na qualidade de vida populacional, a longevidade destaca-se como uma conquista a nível da população mundial. Com o processo de

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de João Pessoa, isabelalohanny@hotmail.com;

² Mestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, nataliapessoad@hotmail.com;

³ Doutoranda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, keyllafernandes@gmail.com;

⁴ Mestranda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, crystalinalins@hotmail.com;

⁵ Professor orientador: Mestre, Doutoranda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, kaisyjp@hotmail.com.

envelhecimento destacam-se como implicações as doenças crônicas que provocam mudanças no perfil epidemiológico (NUNES et al., 2017). Em resposta a essas alterações, a fragilidade física surge como obstáculo da adaptação do idoso ao meio social, sendo considerada uma síndrome geriátrica causada pela redução da força muscular e da resistência corporal, aumentando conseqüentemente o risco para quedas na velhice (BINOTTO; LENARDT; RODRIGUEZ-MARTINEZ, 2018).

Sabe-se que a queda pode ser considerada um evento de grande repercussão na vida do idoso, desse modo, é pertinente discorrer sobre a mesma como um problema de saúde pública, tendo em vista suas altas taxas de morbimortalidade. Pessoas idosas com mais de 75 anos e do sexo feminino apresentam maior incidência nos casos de quedas, fator que se explica pela maior fragilidade, consumo de medicamentos e longevidade das mulheres em relação aos homens (OLIVEIRA et al., 2014).

A queda tem importante impacto na vida do idoso e afeta a qualidade de vida, trazendo conseqüências de alta gravidade a longo prazo, podendo-se definir a queda como causa de incapacidades funcionais que traz dependência ao idoso, que acaba por comprometer o ambiente familiar (GASPAROTTO; FALSARELLA; COIMBRA, 2014). Fatores intrínsecos e extrínsecos estão diretamente relacionados a situação de queda da pessoa idosa, como incapacidades posturais e ambientes propícios, respectivamente (ALVES et al., 2016). Este evento pode ocasionar maior probabilidade de novas ocorrências devido ao fato de acarretar fragilidades físicas e emocionais nos idosos, sendo necessário diminuir os riscos que o ambiente doméstico pode ocasionar, implementando estratégias que eliminem os fatores de risco.

Visto que os acidentes por quedas nos idosos causam grandes impactos negativos na saúde e suas complicações podem repercutir durante toda uma vida, se faz necessário o aprofundamento de estudos nessa área de forma a prevenir determinados agravantes. O objetivo desse estudo foi avaliar a prevalência de quedas nos idosos na Atenção Primária a Saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e transversal, de caráter quantitativo. Foi realizado no domicílio das pessoas idosas cadastradas na Unidade de Saúde da Família Verdes Mares do Distrito V no município de João Pessoa, PB, Brasil. Este município possui uma população estimada de 780.738 habitantes e uma área de 211.475 km² (BRASIL, 2014).

O universo desse estudo totalizou 261 idosos cadastrados na Unidade de Saúde da Família Verdes Mares. O tamanho da amostra foi definido utilizando o cálculo para populações finitas com intervalo de confiança de 95% ($\alpha=0,05$, que fornece $Z_{0,05/2}=1,96$), prevalência estimada de 50% ($p=0,50$) e margem de erro de 5% ($\text{Erro}=0,05$), o que correspondeu a 157 participantes. Os critérios de inclusão foram: ter idade maior ou igual a 60 anos e estar presente no local da coleta.

Os dados foram coletados mediante entrevistas individuais com auxílio de um instrumento de avaliação sociodemográfica. A avaliação do perfil sociodemográfico foi realizada por meio de um instrumento semiestruturado, no qual foram avaliados: sexo, idade, estado civil, escolaridade, renda mensal, situação profissional; local e condições de moradia, se reside em casa ou apartamento, rua asfaltada, e aspectos internos da moradia relacionados à possibilidade de eventuais quedas, a exemplo de boa iluminação, presença de degraus, prateleiras muito altas ou baixas, superfícies escorregadias e outros; e dados clínicos, sendo questionado ao idoso se ele possui alguma enfermidade, como hipertensão arterial sistêmica (HAS), câncer, depressão, diabetes mellitus, entre outras, além de aspectos sobre mobilidade e histórico de quedas anteriores.

Os dados foram armazenados em planilha eletrônica estruturada no Programa Microsoft Excel com dupla digitação, visando garantir a confiabilidade em sua compilação. Posteriormente, foram organizados, codificados, importados e processados pelo aplicativo Statistical Package for the Social Science (SPSS) for Windows, versão 22.0.

O presente estudo obedeceu às normas e diretrizes regulamentadas pela resolução 466/12, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012), além de cumprir os aspectos éticos preconizados pelo Estatuto do Idoso - Lei 10.741/03, assegurando total respeito aos seus direitos e sua dignidade (BRASIL, 2003).

A pesquisa foi aprovada previamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de João Pessoa, sob o parecer 3.042.118. O TCLE foi entregue inicialmente ao participante da pesquisa, impresso, autorizando as informações cedidas para a pesquisa. O termo foi escrito numa linguagem de fácil compreensão, exposto o objetivo do presente estudo, o método de coleta de dados utilizado e o contato com o pesquisador e o professor orientador, de forma que fosse assegurado o sigilo dos dados coletados durante e após o questionário, garantindo os direitos e a integridade física e psicológica do indivíduo envolvido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação ao perfil sociodemográfico (Tabela 1), participaram desta pesquisa 157 idosos, a maioria do sexo feminino (58,0%). Os sujeitos apresentaram, em média, 70,4 \pm 7,76 anos, com um valor mínimo de 60 anos e o máximo de 96 anos, em que a faixa etária prevalente (50,3%) foi de 60 a 69 anos; 51,6% eram casados ou em uma união estável; 49,7% apresentaram apenas o ensino fundamental incompleto; a maioria (84,7%) possuía alguma religião; 83,4% não tinham ocupação, 86,0% detinham uma renda individual de 1 salário mínimo e 57,3% uma renda familiar de 2 salários mínimos, prevalecendo 83,4% de aposentados.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos idosos, João Pessoa/PB, Brasil, 2019. (n=157).

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	91	58,0
Masculino	66	42,0
Faixa etária		
60 - 69 anos	79	50,3
70 - 79 anos	56	35,7
80 ou mais	22	14,0
Conjugalidade		
Casado ou com companheiro	81	51,6
Viúvo	31	19,7
Solteiro	24	15,3
Separado ou divorciado	21	13,4
Escolaridade		
Analfabeto(a)	29	18,5
Ensino Fundamental incompleto	78	49,7
Ensino Fundamental completo	20	12,7
Ensino Médio	24	15,3
Ensino Superior	06	3,8
Religião		
Sim	133	84,7
Não	24	15,3
Ocupação		
Não	131	83,4
Sim	26	16,6
Renda individual		
Nenhuma	06	3,8
1 salário mínimo	135	86,0
2 salários mínimos	15	9,6
3 salários mínimos	01	0,6
Renda familiar		
1 salário mínimo	43	27,4
2 salários mínimos	90	57,3

3 salários mínimos	24	15,3
Situação previdenciária		
Aposentado	131	83,4
Pensionista	11	7,0
Trabalho próprio	08	5,1
Não tem renda	07	4,5
Total	157	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Média de idade: 70,4 anos ($\pm 7,76$)

Diante da análise dos dados sociodemográficos, observou-se que a população pesquisada é caracterizada pelo sexo feminino. Outros estudos constatarem a relação deste resultado como decorrência do processo de feminização da velhice, os quais afirmam que a população idosa é constituída em sua maior parte por mulheres, devido às maiores expectativas de vida (ALMEIDA et al., 2015; SALES et al., 2016).

Em se tratando da faixa etária e da conjugalidade, verificou-se que a maioria foi de idosos com a média de 70,4 $\pm 7,76$ anos, e de indivíduos casados. Esses resultados encontram-se na mesma margem do desfecho de Ribeiro et al. (2016), que constata em seus achados a prevalência de idade entre 65 e 75 anos e mais da metade dos sujeitos casados. Ainda com relação a faixa etária, a presente pesquisa traz predominância de idosos entre 60 e 69 anos, assim como o estudo feito por Confortin et al. (2015) no sul do Brasil.

Quanto ao grau de escolaridade, a pesquisa mostra uma predominância de idosos que possuíam ensino fundamental incompleto, podendo ser um fator influente para a situação de baixa renda encontrada nos resultados, conjuntura encontrada no estudo de Lima et al. (2017), que traz o mesmo cenário e entende que esse fator pode ser consequência do dificultoso acesso a educação nos tempos mais antigos. Santos-Orlandi et al. (2017), justifica este fato pela época em que os idosos nasceram, onde o estudo não era valorizado, principalmente entre as famílias com condições socioeconômicas mais baixas, que acabavam priorizando as atividades laborais, levando os meninos a trabalharem na zona rural e as meninas à cuidarem das atividades domésticas.

Com relação as condições ambientais das residências, 94,3% apresentavam boa iluminação; 66,2% não tinham degraus; 71,3% possuíam tapetes; 86,0% tinham superfícies escorregadias e 94% não continham prateleiras altas. Apenas 2,5% dos idosos apresentaram necessidade de um dispositivo para auxílio na locomoção (Tabela 2).

Tabela 2 – Perfil das condições ambientais da residência da pessoa idosa, João Pessoa/PB, Brasil, 2019. (n=157)

Variável	n	%
Boa iluminação		
Sim	148	94,3
Não	09	5,7
Degraus		
Não	104	66,2
Sim	53	33,8
Tapetes		
Sim	112	71,3
Não	45	28,7
Superfícies escorregadias		
Sim	135	86,0
Não	22	14,0
Prateleiras altas		
Não	149	94,9
Sim	08	5,1
Uso de dispositivo para auxílio na locomoção		
Não	153	97,5
Sim	04	2,5
Total	157	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Dentre as condições da residência desse grupo estudado, destacam-se como fatores de riscos potenciais de quedas, a presença de tapetes e superfícies escorregadias, achados prevalentes na pesquisa. O estudo realizado por Alves et al. (2016), corrobora com a mesma idealização de riscos para quedas, apontando como um dos fatores extrínsecos mais preocupantes os tapetes em superfícies lisas. Para Nascimento e Tavares (2016), estes riscos devem ser resolvidos pelos profissionais de saúde, em todos os níveis de atenção, de forma a diminuí-los através de estratégias rebuscadas a partir da identificação do problema.

Com relação a presença de episódios de quedas e características associadas (Tabela 3), a maioria dos idosos já caíram (58,0%), e dentre estes a maioria (25,5%) sofreu de 1 a 2 quedas, em que 47,8% não apresentaram quaisquer alterações após o evento. E a única alteração pós-queda citada foi fratura (10,2%). Kuznier et al. (2014) traz em seus achados uma predominância da frequência de quedas em idosos no período de um ano. Enquanto que nos estudos de Cruz et al. (2015), a frequência de quedas na população estudada foi a minoria.

Tabela 3 – Resultado da quantidade de episódios de quedas e características associadas, João Pessoa/PB, Brasil, 2019. (n=157).

Variáveis	N	%
Já caiu		
Sim	91	58,0
Não	66	42,0
Número de quedas		
Não se aplica	66	42,0
1 – 2 quedas	40	25,5
3 – 4 quedas	26	16,6
5 – 6 quedas	21	13,4
7 ou mais	04	2,5
Presença de alterações após a queda		
Sim	16	10,2
Não	75	47,8
Não se aplica	66	42,0
Total	157	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da presente pesquisa revelaram que a maioria dos idosos já sofreu alguma queda no período da velhice, permitindo observar a existência de elevado risco de saúde para esta população, pondo em vista as fragilidades que possivelmente levam estes indivíduos a esta situação.

A partir da interpretação dos achados deste estudo pôde-se compreender as condições que agravam esta população, a exemplo da falta de atividade física, presença de doenças crônicas e residências com fatores de riscos para quedas. Diante do levantamento da pesquisa sob uma alta prevalência de quedas, é importante frisar a grande importância dos profissionais de saúde na identificação dos fatores de riscos assim como no desenvolvimento das estratégias de prevenção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, AV et al. A feminização da velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 115 - 131, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/19830/0>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

ALVES, A.H.C. et al. Ocorrência de quedas entre idosos institucionalizados: prevalência, causas e consequências. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**. V.8, n.2 p. 4376-4386, 2016. Disponível em: <

http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4438/pdf_1886>. Acesso em:

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

17 de agosto de 2018.

ANDRADE, R.F. et al. Conhecimento dos idosos sobre as alterações fisiológicas no processo de envelhecimento. **Anais CIEH**. Vol. 2, N.1, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD2_SA8_ID3190_27082015211018.pdf>. Acesso em: 16 de agosto de 2018.

BINOTTO, M.A.; LENARDT, M.H.; RODRIGUEZ-MARTINEZ, M.C. Fragilidade física e velocidade da marcha em idosos da comunidade: uma revisão sistemática. **Rev. esc. enferm. USP**. São Paulo, v. 52, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342018000100810&lang=pt>. ACESSO EM: 22 de maio de 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico 2010. **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Acesso em 25 de maio de 2018.

BRASIL. **Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 14 de agosto de 2018.

BRASIL. **Resolução nº466, de 12 dezembro de 2012**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 4 de junho de 2018.

CONFORTIN, SC et al. Autopercepção positiva de saúde em idosos: estudo populacional no Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 31(5):1049-1060, mai, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2015.v31n5/1049-1060/pt>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

CRUZ, D.T. et al. Associação entre capacidade cognitiva e ocorrência de quedas em idosos. **Cad. Saúde Colet**. Rio de Janeiro, v.23, n.4, p.386-393, 2015. Disponível em: <<http://hermes.cpd.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/7636/1/Associa%C3%A7%C3%A3o%20entre%20capacidade%20cognitiva%20e%20ocorr%C3%Aancia%20de%20quedas%20em%20Idosos.pdf>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

FALSARELLA, G.R; GASPAROTTO, L.P.R; COIMBRA, A.M.V. Quedas: conceitos, frequências e aplicações à assistência ao idoso. Revisão da literatura. **Rev. bras. geriatr. gerontol**. 2014, vol.17, n.4, pp.897-910. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232014000400897&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

KUZNIER, TP et al. Fatores de risco para quedas descritos na taxonomia da Nanda-I para uma população de idosos. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**. Rio de Janeiro, 2014; 17(1):49-60. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/783>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

LIMA, F.F.O. et al. Perfil Sociodemográfico e nível de dependência funcional de idosos com risco de quedas. **Id on Line Rev. Mult. Psic**. V.11, n. 39. 2017. Disponível em:

<<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/985>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

NASCIMENTO, JS; TAVARES, DMS. Prevalência e fatores associados a quedas em idosos. **Texto & Contexto Enfermagem**. Santa Catarina, vol. 25, núm. 2, 2016, pp. 1-9. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/714/71446259012/>>. Acesso em: 29 de março de 2019.

NUNES, J.D. et al. Indicadores de incapacidade funcional e fatores associados em idosos: um estudo de base populacional em Bagé, Rio Grande do Sul. **Epidemiol. Serv. Saúde**. Brasília, v.26, n.2, p-295-304, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/ress/2017.v26n2/295-304/pt>>. Acesso em: 16 de agosto de 2018.

OLIVEIRA, A.S. et al. Fatores ambientais e risco de quedas em idosos: revisão sistemática. **Rev. Bras. Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, 2014; v.17 n.3, p.637-645. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v17n3/1809-9823-rbgg-17-03-00637.pdf>>. Acesso em: 17 de agosto de 2018.

RIBEIRO, AA et al. Caracterização socioeconômica, estado nutricional e prevalência de insegurança alimentar em idosos usuários do restaurante popular de um município do nordeste brasileiro. **Revista Ciência Plural**. 2016;2(3):59-71. Disponível em: <<file:///C:/Users/isabe/Downloads/11051-Texto%20do%20artigo-34616-1-10-20170414.pdf>>. acesso em: 27 de março de 2019.

SALES, JCS et al. Feminização da velhice e sua interface com a depressão: revisão integrativa. **Rev enferm UFPE on line**. Recife, 10(5):1840-6, maio., 2016. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=29670&indexSearch=ID>>. Acesso em: 26 de março de 2019.

SANTOS-ORLANDI, AA et al. Perfil de idosos que cuidam de outros idosos em contexto de alta vulnerabilidade social. **Escola Anna Nery**. 21(1); 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452017000100213&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 09 de abril de 2019.